

# ETHOS DISCURSIVO E RELIGIOSIDADE: UMA PRÁTICA DE ANÁLISE DE DISCURSO

Jarbas Vargas Nascimento\*  
Wendell Lessa Vilela Xavier\*\*

Se reconhecermos esta maravilhosa relação do Senhor com seus filhos, nossos corações mudarão necessariamente, e veremos abrir-se diante dos nossos olhos um panorama absolutamente novo, cheio de relevo, de profundidade e de luz (São Josemaria Escrivá).

## RESUMO

O artigo trata da constituição do *ethos* discursivo no discurso religioso católico. Embora a noção de *ethos* se origine na Retórica aristotélica para relacionar a imagem do orador ao caráter de honestidade que ele revela a seu auditório, assumimos a concepção de *ethos* discursivo, conforme proposta pela Análise do Discurso, na atualidade. Partimos do pressuposto de que o discurso é o lugar onde se constitui o *ethos* e, por isso, a análise que empreenderemos permite-nos verificar, no sermão, o efeito de sentido religioso e dar credibilidade ao *ethos* que se manifesta no discurso. Ainda que a imagem do enunciador seja construída na enunciação, vale ressaltar que, no discurso religioso, por ser ritualizado, quebra-se a dicotomia sagrado-profano, abole-se o tempo cronológico e tudo se torna linear, a fim de que o homem seja capaz de recriar o mundo a seu modo. Ressaltamos ainda que, antes de o sacerdote proferir o discurso, o auditório já construía uma imagem simbólica de Deus, que se projeta na enunciação pelo enunciador. No discurso religioso, o *ethos*

---

\* Doutor em Linguística e Professor Titular do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP – São Paulo – SP, Brasil. E-mail: jvnf1@yahoo.com.br.

\*\* Doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP e Professor de Filosofia do Direito e Português das Faculdades Santo Agostinho – FASA, em Montes Claros – MG, Brasil. E-mail: wendell\_jessa@yahoo.com.br.

discursivo, participando da eficácia da palavra, legitima a cenografia construída e causa credibilidade por uma manobra de certeza e de verdade do conteúdo veiculado no discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. *Ethos* Discursivo. Religiosidade.

## ABSTRACT

The article concerns about the discursive ethos and its relation with Catholic Religious Discourse. Even though the notion of the ethos has its source in the Aristotelian Rhetoric, to relate the orator's image to an honest nature, which he reveals to his audience, we assume the conception of the discursive ethos, according to the Discourse Analysis. Starting from the presuppose that the discourse is the place where the ethos is constituted and, that is why, the analysis we are attempting to verify the effects in a religious way and give credibility to the ethos that appears during the selected speech. Even that the image of the enunciator is created at the enunciation itself, in the speech, for being ritualized, the dichotomy sacred-profane is broken, the chronological time is abolished and everything become linear, making the men capable to recreate his world to his own image. We also emphasize that, even before the priest pronounces the speech, the audience has already build a symbolic image of God, that is projected in the enunciation as well as in the enunciator. In the Religious Discourse, the discursive ethos legitimates the constructed scene and causes impact and credibility, revealed by the sureness and true maneuver presented within the speech.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Discursive Ethos. Religiosity.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, objetivamos examinar a religiosidade e a constituição do *ethos* discursivo no discurso religioso. Para tanto, analisamos a homilia proferida, no primeiro domingo do Advento, por Josemaria Escrivá, sacerdote católico, nascido em Barbastro, Espanha, em 1902,

ordenado sacerdote em 1925. No dia 2 de outubro de 1928, fundou o Opus Dei. Em 1946, foi viver para Roma, movido por seu amor à Igreja e ao Papa e pela natureza universal de sua obra. De Roma, difundiu pelo mundo o chamamento à santidade de todos cristãos. Faleceu no dia 26 de Junho de 1975. Foi canonizado santo pelo Papa João Paulo II, no dia 6 de outubro de 2002.

Para construirmos este estudo, precisamos primeiramente lembrar que, na atualidade, a noção de *ethos* ganha repercussão por diferentes teóricos, tem sua origem no interior da Retórica aristotélica e foi discutida por Ducrot (1987), em sua teoria polifônica, quando ampliou a proposta aristotélica, introduzindo a categoria de *ethos* na enunciação. Na verdade, Ducrot foi um inovador, quando fez a distinção entre locutor como indivíduo no mundo e locutor na enunciação, mostrando as potencialidades do discurso.

Em meio às propostas de novas tendências em Análise do Discurso, Maingueneau retoma da Retórica o termo *ethos* e desloca-o para o campo do discurso, ao dar-lhe uma voz e uma corporalidade, na cena enunciativa, preestabelecendo que toda fala procede de um enunciador. Para mostrar seu interesse pelo *ethos*, Maingueneau se justifica pela evolução das condições do exercício do discurso verbalizado, principalmente, quando veiculado pela mídia e pela publicidade, circunscrevendo-o no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (daqui para frente AD).

Justificamos a escolha do *ethos* discursivo como categoria de análise para o discurso religioso católico não somente pela multiplicidade de atos interpretativos possíveis para este discurso, mas também pelo modo de interação entre os elementos textuais, contextuais e os metafóricos, construídos por diferentes estratégias que implicam valores transcendentais.

## SOBRE A NOÇÃO DE *ETHOS*

Para a compreensão da noção de *ethos* é necessário relembrar que essa noção foi tomada da Retórica clássica. O *ethos*, nessa perspectiva, é considerado como sendo a imagem que o orador transmite de si, no discurso, por meio de gestos, entonações e pelo porte geral de homem honesto, transmitido pela linguagem. Essa noção leva em conta, também,

não apenas as virtudes morais, como também a habilidade em expressar-se, de forma adequada, seu caráter e tipo social, que não traduzem em uma imagem preexistente, sustentada na autoridade institucional e individual do orador.

Assim, o *ethos* retórico consiste em dar uma boa impressão por meio da forma com a qual se constrói o discurso, transmitindo uma imagem capaz de obter a confiança do auditório. O *ethos*, na Retórica, permite, por conseguinte, uma reflexão sobre o processo de adesão dos sujeitos a um determinado posicionamento. Esta noção, conforme apontamos anteriormente, foi reformulada por Ducrot e passou a ser entendida não mais como a imagem do orador, mas a imagem do locutor, uma vez que o locutor, apreendido como enunciador, é o que interessa e não o indivíduo real enquanto tal.

Assim sendo, para Ducrot, o *ethos* se insere no plano da enunciação. Ou seja, se na Retórica, o *ethos* podia ser manipulado inteiramente pelo orador de forma a transmitir uma imagem de si por ele predeterminada, sob o ponto de vista de Ducrot, isso não seria mais possível. Para o autor, o *ethos* está intimamente ligado à enunciação, interagindo fatores bastante diversificados como o registro da língua, o registro das palavras, o planejamento textual, o ritmo, a modulação, envolvendo, inclusive, a afetividade do co-enunciador por tratar-se de um comportamento traduzido pelo verbal e pelo não-verbal. Prova disso é que o *ethos* visado nem sempre é o *ethos* mostrado, afastando-se a ideia de que o *ethos* resulta de um processo interativo de influência sobre o outro.

Diante dessas considerações, num primeiro momento, é possível afirmar que o *ethos* retórico não estava ligado à noção de enunciação, considerada no âmbito linguístico, como um conjunto de operações construtivas de um determinado enunciado, que desconsidera a existência de um saber extradiscursivo sobre o locutor. Para Ducrot, o *ethos* se constitui no ato de enunciação, onde figura um determinado contexto e suas inúmeras dimensões sociais, históricas e psicológicas existentes no discurso. Ainda que a noção de *ethos* se construa no ato de enunciação e seja um dos elementos importantes da cena enunciativa, ele não é o seu objeto.

Maingueneau (1987), quando integra a noção de *ethos* à AD, dá-lhe roupagem nova e propõe dois deslocamentos, a fim de esclarecer e provar sua tese. O primeiro consiste em entender que os efeitos que

o enunciador, à semelhança do orador, pode desempenhar no co-enunciador, são impostos pela formação discursiva e não pelo sujeito em si. O segundo deslocamento refere-se ao princípio de que a AD deve propor uma noção de *ethos* que seja transversal em oposição entre o oral e o escrito, pois para Maingueneau (op.cit.: 46) a retórica organizava-se em torno da palavra viva e integrava, conseqüentemente, à sua reflexão o aspecto físico do orador, seus gestos bem como sua entonação.

Para levar adiante essa nova perspectiva, Maingueneau postula que a noção de *ethos* está ligada ao ato de enunciação e prevê a construção de uma imagem projetada no discurso, pois ela é constitutiva desse discurso, integra a enunciação e não um saber extradiscursivo sobre o enunciador. Adverte-nos, ainda, Maingueneau que os textos escritos são sustentados por um tom, que engloba tanto a escrita quanto a fala. Para ele, esse tom está necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade, que recobrem as dimensões vocal, física e psíquica do *ethos*. Por isso, oferece uma representação do corpo do enunciador e responsabiliza-se pelo que é dito por ele.

A corporalidade do enunciador não deve ser compreendida como algo físico, que o torne um ser empírico, dado ao olhar, com uma presença plena, apreendida do imaginário do co-enunciador. Na verdade, por corporalidade entende-se uma manifestação discursiva de uma vocalidade investida de valores compartilhados socialmente e entendida por meio de estereótipos. Todo discurso implica um *ethos* e, por isso, ele não deve ser desvinculado de outros parâmetros do discurso, pois contribui de maneira decisiva para sua legitimação.

Charaudeau & Maingueneau esclarecem que o termo *ethos* está intimamente inscrito na cena de enunciação e afirmam que

cada gênero do discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor. Esse pode, entretanto, escolher mais ou menos livremente sua "cenografia" ou cenário familiar que lhe dita sua postura (o pai benevolente em face de seus filhos, o homem que fala rude e franco etc). A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações de si e sua eficácia em uma determinada cultura. O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que esse faz do modo como seus

alocutários o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno – às vezes denominada *ethos* prévio ou pré-discursivo – está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito, ele tenta consolidá-la, retificá-la, retrabalhá-la ou atenuá-la. (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 221).

Assim sendo, a noção de *ethos* encontra-se diretamente ligada à questão da identidade, e sua representação é construída na enunciação e mesmo antes que o orador profira seu discurso. Ora, o gênero do discurso está diretamente relacionado à cena enunciativa, que traduz a situação de comunicação que é o acontecimento da enunciação que se dá num espaço instituído no qual o *ethos* se constitui. Por sua vez, esse espaço constituído encontra-se definido por um gênero de discurso que contempla uma dimensão construtiva do discurso que instaura seu próprio espaço de enunciação para validação do discurso.

Embora a noção de *ethos* seja um tanto intuitiva, é clara a percepção de que o enunciador exige do co-enunciador que ele perceba, por índices textuais, uma imagem dele no discurso. Dessa forma, segundo Maingueneau, a qualidade do *ethos* está associada à imagem de fiador, que confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. Neste sentido, o *ethos* constitui uma dimensão da cena enunciativa. Auchlin esclarece que

a noção de *ethos* é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...) Em nossa prática ordinária de fala, o *ethos* responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidade serem mais ou menos co-extensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem, onde nossa identificação é tal que se acionam estratégias de proteção (AUCHLIN, 2001, p. 203).

As considerações sobre o *ethos* discursivo levam o analista do discurso a outras questões referentes ao fiador e à incorporação; daí a necessidade de se abordar o *ethos*, uma vez que por ele, pode-se revelar a personalidade do enunciador.

Entre os diferentes discursos em circulação em nossa sociedade e

que revelam questões axiológicas e conflitivas, selecionamos o discurso religioso, pois ele carrega um tom intelectual e didático, com enfoque na projeção e na construção de um *ethos* sábio e santo, preocupado com a santidade do co-enunciador. De modo particular, no discurso religioso, observamos que a eficácia do *ethos* está no fato de ele se integrar engajadamente na enunciação, a fim de ganhar o seu reconhecimento no espaço histórico-social e garantir a condição de credibilidade, própria desse gênero de discurso.

Como nosso enfoque entende com Maingueneau que a imagem do enunciador surge na enunciação, no discurso religioso, o co-enunciador já tem construída uma imagem do *ethos* do orador pelas representações sociais estereotipadas e não antes de o discurso ser pronunciado. Além disso, o co-enunciador, diante do discurso, constrói uma imagem do enunciador e outra simbólica e subjetiva de Deus, que se projeta na enunciação como fonte enunciativa, apagada pela presença do orador, que, por ocupar o lugar d'Ele, sente-se alicerçado por Ele. O efeito discursivo, no funcionamento do discurso religioso, revela diferentes *ethos* que participam da construção da cena enunciativa, onde se ouvem ecoar a voz de Deus, do orador, do enunciador e de outros sujeitos levados para o interior da cena, a fim de legitimar a credibilidade.

Segundo Maingueneau,

Todo discurso oral ou escrito, supõe um *ethos*: implica certa representação do corpo de seu responsável, do enunciador que se responsabiliza por ele. Sua fala participa de um comportamento global (uma maneira de se mover, de se vestir, de entrar em relação com o outro...). Atribuímos a ele, dessa forma, um caráter, um conjunto de traços psicológicos (jovial, severo, simpático...) e uma corporalidade (um conjunto de traços físicos e indumentários). (MAINGUENEAU, 2006, p. 60).

Nosso interesse em examinar o modo como o *ethos* discursivo se constrói no discurso religioso proferido por Josemaría Escrivá se funda no fato de o enunciador evocar sua própria enunciação explicitamente na cena enunciativa. Além disso, ele faz revelar outros *ethos* direta e indiretamente por meio de recursos linguísticos ou alusões, como Escrivá procede, ao trazer para cena uma narrativa simbólica. Antes da análise, julgamos importante lembrar, ainda, a forma como está construída a

cena em que as ações se desenrolam e como se desenrolam, tendo em vista que o orador e o enunciador têm um objetivo didático: levar o co-enunciador a assumir um novo comportamento de vida. Além disso, o enunciador constrói uma imagem “santificada” de si e outra simbólica de Deus, no momento em que, no discurso, marcas linguísticas revelam sua interação entre o que se presentifica na cena e o que está oculto, apagado ou revelado pela fé.

## ANÁLISE DE UMA HOMILIA PROFERIDA POR SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ

O tema da homilia, que selecionamos, é a filiação divina, que implica a vocação universal à santidade, a esperança da redenção pela vinda de Jesus, o Salvador, a unidade de vida. Selecionamos esse discurso não somente pela importância de Josemaria Escrivá para a Igreja Católica, mas também por ter sido proferido oralmente e, depois, retextualizado pelo orador para ser publicado em livro, ficando, portanto, disponível para a leitura de cristãos ou não cristãos.

Neste discurso o fiador não é visível, mas se presentifica pela fé. Na cena enunciativa, observamos a forma como se constitui o *ethos* do sujeito enunciador e dos outros sujeitos que integram a cena e imaginamos as atitudes do co-enunciador, convocado a participar da cena e revelar seu *ethos*. A ativação do universo religioso se constrói com base na fé, e abre-se para que o enunciador oriente a ação do co-enunciador, a fim de lhe impor um direcionamento de vida.

Observemos o primeiro parágrafo do discurso:

Nada mais vos queria dizer neste primeiro Domingo do Advento, em que já começamos a contar os dias que nos faltam para o Natal do Salvador.

Este primeiro parágrafo nos interessa, fundamentalmente, porque, por meio da utilização de uma estratégia que instaura um espaço e um tempo discursivo topicalizados pelo advento, o enunciador começa a revelar o seu *ethos*. Neste início do discurso, o enunciador pretende construir não somente uma imagem favorável de si, mas também de um *ethos* de credibilidade, que já compartilha do plano salvífico de Deus:



Vimos a realidade da vocação cristã, como o Senhor confiou em nós para levar almas à santidade, para aproximá-las dEle, para uni-las à Igreja e estender o reino de Deus a todos os corações. O Senhor nos quer entregues, fiéis, delicados. Ele nos quer santos, muito seus.

Como podemos observar, o pronome pessoal nós revela o *ethos* do enunciador, que ganha sentido como um modo de ser do orador, que se manifesta escolhido por Deus para convocar o co-enunciador a aderir um programa existencial de vida: o chamado de Deus à santidade. O parágrafo faz-nos entender, ainda, a situação do enunciador que se explicita na cena para negociar com o co-enunciador a validação da vocação cristã.

O tom didático é, também, revelado, quando na cena, verificamos a possibilidade de surgimento do anti-*ethos*, criado na cena em oposição a Deus, engendrado no discurso, a fim de ser rejeitado.

Por um lado, a soberba, a sensualidade e o tédio, o egoísmo; por outro, o amor, a dedicação, a misericórdia, a humildade, o sacrifício, a alegria. Temos que escolher. Fomos chamados a uma vida de fé, de esperança e de caridade. Não podemos cruzar os braços e deixar-nos ficar num medíocre isolamento.

O enunciador convoca o co-enunciador a escolher o caminho da santidade que fundamenta uma prática existencial divina. Por um lado, revela as atitudes propostas por Deus e, por outro, aquelas exigidas por um anti-*ethos*, o demônio. Esta estratégia enunciativa tem a função de mostrar o mundo dividido entre o bem e o mal, a verdade e a mentira e levar o co-enunciador a escolher livremente seu programa de vida.

Neste sentido, o *ethos* divino (Deus) direciona os caminhos, mas é o homem que escolhe aquele que melhor lhe aprouver; ele é que se posiciona. A utilização do recurso da antítese instaura uma dinâmica no interior da cena, para que o *ethos* do enunciador se constitua mediador entre ele, Deus e o co-enunciador, a fim de que esse explicita sua identidade e expresse sua adesão ao desejo de santidade. Neste parágrafo, o mundo ético que o discurso suscita corresponde a um universo transcendental, característica deste gênero de discurso.

Certa vez, vi uma águia encerrada numa gaiola de ferro. Estava suja, meio depenada; tinha entre as garras um pedaço de carne podre. Ocorreu-me pensar no que seria de mim se abandonasse a vocação recebida de Deus. Fiquei com pena daquele animal solitário, enjaulado, que tinha nascido para voar muito alto e olhar o sol de frente. Podemos remontar até às humildes alturas do amor de Deus, do serviço a todos os homens. Mas para isso é preciso que não haja recantos escondidos na alma, onde não possa entrar o sol de Jesus Cristo. Temos que jogar fora todas as preocupações que nos afastem dEle; e assim Cristo em tua inteligência, Cristo em teus lábios, Cristo em teu coração, Cristo em tuas obras. Toda a vida, o coração e as obras, a inteligência e as palavras, saturadas de Deus.

Neste parágrafo, o enunciador elabora uma narrativa, que funciona como uma alusão simbólica, com intuito de investir diretamente sobre o co-enunciador, na cena enunciativa. Ele se reconhece e revela-se, explicitamente, no nível do enunciado, na medida em que utiliza pronomes e marcadores de primeira pessoa do singular para apresentar seu *ethos*. Todavia, pela forma como os enunciados são construídos, o enunciador diz de si mesmo e revela que já aderiu ao caminho da santidade. Por isso, ele dá a impressão de ser o responsável pelo compromisso a ser assumido pelo co-enunciador. A recorrência à águia representa uma relação hipotética com que poderia acontecer com o co-enunciador, caso ele não assumisse o programa proposto por Deus. Assim, o co-enunciador pode partilhar com a águia a mesma maneira de ser no mundo.

A narrativa observada no parágrafo acima funciona como uma forma assertiva para o co-enunciador e abre a possibilidade de o enunciador influenciá-lo a acatar o que Deus e o narrador pedem dele.

Olhai e levantai a cabeça, porque está próxima a vossa redenção, lemos no Evangelho. O tempo de Advento é tempo de esperança. Todo o panorama da nossa vocação cristã, essa unidade de vida que tem como nervo a presença de Deus, nosso Pai, pode e deve ser uma realidade diária.

O enunciador, como observamos, utiliza o *ethos* divino (Deus) para

expressar por verbos no imperativo e revelar a sua já adesão ao programa de santidade que está sendo dito e convocar o co-enunciador a juntar-se a ele. O *ethos* do enunciador e de Deus, embora sejam diferentes entre si, elas se configuram e misturam-se na cena. Assim, por essas vozes os sujeitos integrantes da cena criam uma auto-imagem de si, de modo a afirmar que a cena traz marcas dos diferentes sujeitos que contracenam no processo discursivo.

Pede-a comigo a Nossa Senhora, imaginando como Ela passaria aqueles meses à espera do Filho que ia nascer. E Nossa Senhora, Santa Maria, fará com que sejas alter Christus, ipse Christus, outro Cristo, o próprio Cristo!

Neste último parágrafo do discurso, o enunciador constrói diretamente, mais uma vez, uma imagem de si, isto é, seu *ethos*, de forma a apreendê-lo como uma imagem santa, sensível e confiável, com a qual o co-enunciador precisa se identificar (Pede comigo). A sua credibilidade no plano de redenção garante-lhe, em seu caráter, não somente sua santidade, mas a confiança que tem em Deus e a esperança do compromisso do co-enunciador. Para o enunciador, Maria é o lugar onde o co-enunciador deverá buscar regulamentar sua vida. Nossa Senhora é aquela que fará com que o co-enunciador seja o outro Cristo, o próprio Cristo, no mistério divino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Análise do Discurso, como pudemos identificar ao longo deste trabalho, a noção de *ethos* se relaciona a diferentes sujeitos que se dizem no discurso. Por isso, o enunciador deve legitimar aquilo que é dito e, para tanto, ele atribui a si uma posição que é institucional, além de exteriorizar-se com uma voz e um corpo; daí falar-se em duas faces do enunciador. Sob esse aspecto, ressaltamos que o *ethos* discursivo, no discurso religioso, está diretamente ligado à cena de enunciação e assume um procedimento didático em se negocia um conteúdo programático de vida, do qual os diferentes ethe participam, necessariamente.

No discurso religioso que analisamos, verificamos que a categoria *ethos* não esteve ligada somente ao enunciador, mas também ao co-

enunciador, a Deus, ao demônio e a outros sujeitos que se presentificaram na cena enunciativa. Por sua vez, o discurso possui um tom que dá autoridade ao que é dito e permite ao co-enunciador construir uma representação de si e da experiência de vida do enunciador e do orador. Podemos dizer, por fim, que o discurso religioso proferido por Josemaria Escrivá instaura um programa de vida em uma instituição discursiva: Igreja Católica Apostólica Romana. Nesta perspectiva, a Igreja surge como um espaço de santificação aberta a todos e, de modo especial, ao outro que busca um comportamento moral e um programa de vida. Neste discurso religioso católico, o *ethos* manifesta uma competência e é marcado por uma preocupação com o outro, o co-enunciador, cuja imagem recupera o próprio Cristo.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

AUCLIN, A. "Ethos et expérience du discours: quelques remarques". In: WAUTHION, M.; SIMON, A. C. (éds). *Politesse et idéologie: rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*, Louvain : Peeters, 2001.

CHARAUDEAU, P. *O Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

ESCRIVÁ, J. *Cristo que passa*. São Paulo: Quadrante, 1973.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências de análise do discurso*. Campinas: Unicamp; Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar,

2005a.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva; Néilson P. da Costa e Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, J. V. *O discurso religioso católico: um estudo do rito matrimonial católico*. São Paulo: Educ, 1993.